



Na era do capital fictício?

Gustavo Moura de Cavalcanti Mello

Há de se aproveitar as oportunidades de difundir e debater as obras dos teóricos da "crítica do valor", como se convencionava classificar um conjunto algo heterogêneo de intelectuais que há décadas procuram atualizar a crítica marxiana ao capital, organizados sobretudo em torno das revistas *Krisis* e *Exit!*. Em 2012, Norbert Trenkle e Ernst Lohoff, membros do grupo *Krisis*, publicaram uma interessante análise sobre a crise econômica mundial que eclodiu em 2007-8, e por meio dela apresentaram uma aguda avaliação sobre as determinações e as perspectivas do capitalismo contemporâneo¹. Na conferência "Trabalho na Era do Capital Fictício", Norbert Trenkle sintetiza alguns dos principais argumentos do livro, e é a ela que dedicaremos atenção nas linhas que seguem.

De saída, em oposição às abordagens econômicas convencionais, que naturalizam as formações sociais capitalistas e tendem a considerá-las sofisticadas economias de escambo, Trenkle salienta a especificidade da forma mercadoria e da forma dinheiro no capitalismo, como representantes da riqueza universal e como mediadores das relações sociais entre os indivíduos. Ao resgatar importantes momentos da arqui-conhecida exposição da forma mercadoria que abre *O Capital*, articulando o duplo caráter da mercadoria ao duplo caráter do trabalho, o autor enfatiza a subordinação da riqueza concreta à riqueza abstrata, cujo acúmulo é o motor e a finalidade última da dinâmica econômica sob o capital. Assim, enquanto os capitalistas incorporam como sua razão de existência a promoção do trabalho de Sísifo da acumulação, todos os que não dispõem de meios de produção são obrigados a se reduzir à condição da mercadoria força de trabalho, dando o sangue e o suor que vivificam o capital.

Por conseguinte, Trenkle põe no cerne de sua interpretação o conceito de *fetichismo*, a tendência à autonomização e à totalização da forma capital, bem como sua contrapartida, a tendência à reificação universal dos indivíduos rebaixados à condição de suportes do processo de acumulação, e desse modo ele marca posição contra o que chama de "marxismo tradicional", uma ideologia que consideraria o

¹ Trata-se do livro *Die große Entwertung: Warum Spekulation und Staatsverschuldung nicht die Ursache der Krise sind*, que recebeu uma edição francesa em 2014, e teve apenas algumas passagens traduzidas para o português (cf. <https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2014/12/da-imensa-descarga-de-capital-fictc3adicio.pdf>. e <https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2015/01/lohoff-a-suspensc3a3o-da-crise-pelo-neoliberalismo.pdf>). Para uma esclarecedora discussão sobre essa obra, cf. Prado 2014 e 2014A.



trabalho como eminentemente antagônico ao capital, detentor de uma essência supostamente revolucionária¹.

Tendo se distanciado tanto do *mainstream* econômico quanto do "marxismo vulgar", Trenkle passa a expor em largos traços a sua compreensão sobre o capitalismo contemporâneo, que interessa diretamente ao nosso comentário. Diante da "crise de estagflação" que se espalhou por diversos países na década de 1970, e com o advento da "terceira revolução industrial", de base microeletrônica (que teria convertido a "aplicação de conhecimento à produção" na "principal força produtiva"²), inaugura-se a "era do capital fictício". Por um lado, a automação e outras inovações tecnológicas e técnicas teriam revolucionado a produtividade do trabalho, e tornado a força de trabalho fortemente redundante (o que, junto à correlata transnacionalização do capital, teria debilitado em muito o poder reivindicativo dos trabalhadores). A composição orgânica do capital teria se elevado a ponto de interditar novas rodadas de expansão industrial, em que o capital pudesse comandar crescentes massas de força de trabalho, de modo a se valorizar a taxas de lucro aceitáveis.

Por outro lado, e ainda mais decisivo, ter-se-ia engendrado uma solução original para as barreiras impostas à valorização. Impedido de se reproduzir em escala ampliada por meio da extração de mais-valia, o capital teria promovido um "salto para frente" rumo aos mercados financeiros e às formas fictícias de acumulação, tendo por esteio a "antecipação de valor futuro". Nas palavras de Trenkle, "a produção de valor por meio da exploração do trabalho foi substituída pela sistemática antecipação de valor futuro na forma de capital fictício".

Apesar do caráter pouco ortodoxo dessas teses, sua referência fundamental é novamente a crítica marxiana. Como se sabe, na quinta seção do terceiro livro de *O Capital*, Marx analisou a faculdade de o capital reduzir a si próprio à condição de mercadoria; por seu potencial de investimento produtivo, propenso a se valorizar, o capital em forma monetária ou na de meios de produção pode ser emprestado a juros. Esse ato engendra um título apto a circular pelos mercados financeiros, e desse modo ocorre uma duplicação fictícia do capital que se autonomiza - adquire "vida própria" - em relação ao capital que lhe serve de referência. Nas palavras de Marx, "todos esses papéis representam de fato apenas direitos acumulados, títulos jurídicos sobre produção futura, cujo valor monetário ou valor-capital ou não

¹ Ao que ele opõe a integração de organizações políticas de trabalhadores ao "pacto fordista" durante os "anos dourados do capitalismo", nos países capitalistas centrais.

² Assim, teria sido adiada em mais de um século aquilo que Marx considerava inerente à grande indústria, nos *Grundrisse* (MARX, 1973, p.226-230).



representa capital algum, como no caso da dívida pública, ou é regulado independentemente do valor do capital real que representam" (MARX, 1986, p.13).

É disso que se trata, por conseguinte, a "antecipação de valor futuro" a qual se refere Trenkle; o capital fictício tem como fundamento uma promessa de valorização futura por meio do investimento produtivo, e é só *post festum* que se descobre se esse montante de capital foi devidamente mobilizado e valorizado na esfera da produção. No entanto, ele adquire um movimento próprio, acumulando-se até certo ponto de modo independente do "capital real". A novidade aqui, como mencionado, foi a escala e a duração sem precedentes dessa "fuga" em direção à acumulação fictícia, potencializada pelo vigoroso desenvolvimento dos mercados de derivativos, nas últimas décadas.

Como resultado, "o próprio capital fictício se tornou o motor da acumulação de capital enquanto a produção de mercadorias foi reduzida à condição de variável dependente". Em um movimento plenamente autorreferencial, movido pela (falsa) promessa de extração *futura* de mais-valia, até certo ponto o capital se desvencilha do imperativo de explorar os trabalhadores no *presente*. Assim, ainda que o trabalho abstrato se mantenha como a substância do valor, e ainda que o processo de valorização ocorra no bojo da produção direta, esta é subjugada pela produção do capital fictício. Mesmo em lugares que atravessam um vigoroso processo de industrialização - China à frente -, sua produção só pode subsistir caso haja uma correspondente criação fictícia de capital que garanta a realização dessas mercadorias. As atividades produtivas, da ótica do capital, são reduzidas a um simulacro, a um mero esteio da acumulação fictícia do capital, dando-lhe certa "confiabilidade". Logo, o capitalismo teria sofrido uma mudança estrutural, logrando reproduzir uma *acumulação sem valorização*, sem a correspondente extração de mais-valia ou exploração da força de trabalho. Ou seja, até certo ponto o capital teria se tornado indiferente à valorização efetiva, e à falta de condições para essa valorização ocorrer, ter-se-ia criado uma tendência ao incremento exponencial da produção de capital fictício.

Em todo caso, recorda Trenkle, essa dinâmica de acumulação pressupõe um lastro, um setor dinâmico da economia capaz de alimentar as expectativas de valorização. Na segunda metade da década de 1990, esse lastro teria sido encontrado nas empresas "ponto.com"; e na década de 2000, no setor imobiliário. Porém, depois de 2008 o referido lastro deixou de existir, e assim o Estado magnificou as medidas de "reciclagem" dos títulos podres e de concessão de créditos em abundância e a taxas de juros extremamente baixas, sustentado por políticas de austeridade que penalizam duramente as camadas mais pauperizadas



da população. Com isso, enfatiza Trenkle, apenas se logra protelar a crise, engendrando fortes pressões inflacionárias. Não obstante, ele identifica sinais de esgotamento desse processo em escala mundial, como a estrondosa concentração de renda e riqueza, a precarização do trabalho e das condições de vida dos trabalhadores, e a vasta destruição de recursos naturais.

Desse modo, a crise mundial da década de 1970 seria singular não só por sua abrangência, mas porque diante dela não haveria mais uma saída duradoura para o capital, apenas mecanismos para protelar o colapso. Numa palavra, Trenkle leva a sério as análises expostas nos *Grundrisse* sobre os limites históricos do capital e sobre o caráter do capital como "contradição em processo", e localiza tais limites no advento da "terceira revolução industrial". Nesse contexto, ele não titubeia em prenunciar que "o mundo se tornará um deserto num futuro previsível".

A única forma de impedir esse desenlace trágico seria romper com as formas fetichistas de mediação social, libertar o processo de produção de riqueza concreta das amarras impostas pela produção de riqueza abstrata, por meio da expropriação das mais avançadas forças produtivas e da construção de redes globais de produção não submetidas ao imperativo da acumulação de capital. Como conclusão, retomando uma célebre passagem da crítica ao fetichismo da mercadoria de Marx, Trenkle afirma a necessidade de indivíduos livremente associados determinarem de maneira consciente as formas de produção de suas condições materiais e espirituais de vida. Atualiza-se assim o velho dilema: "socialismo ou barbárie", ou "emancipação ou barbárie", para respeitar o jargão do autor.

Como se vê, a despeito de reproduzir quase que textualmente um conjunto de proposições e de prognósticos de Marx, ao identificar sua realização ou magnificação Trenkle desenvolve uma leitura original e inquietante sobre as recentes vicissitudes do capitalismo e sobre o futuro da humanidade. De saída, cabe destacar que sua explicação possui grandes vantagens sobre um vasto conjunto de análises "críticas" que tratam as transformações do capitalismo nas últimas décadas, em particular a centralidade adquirida pela dimensão financeira da acumulação, como "aberração", "excrescência" ou como um pernicioso "desvio de rota". Ao contrário, como enfatiza Trenkle, trata-se de um desenvolvimento necessário inscrito na dinâmica global da acumulação de capital, e com isso se interdita as veleidades nostálgicas e reformistas de um "retorno" a um suposto desenvolvimento "saldável" do capitalismo, ou à promoção da "eutanasia dos rentistas", e outras peças de ideologia recalcitrante.

Trata-se de um texto bastante sumário, preparado para uma exposição oral, o que justifica lacunas e eventuais simplificações, e torna ociosa uma crítica mais



exaustiva. Não obstante, cabe chamar atenção para o que nos parece um ponto frágil do argumento de Trenkle, que não é devidamente sanado em outras obras do autor, incluindo a *Die große Entwertung*. Com perdão para o truísmo marxista, a tendência à negação do trabalho vivo pelo morto é inerente ao capital, e acompanha necessariamente o desenvolvimento da grande indústria e o processo de extração de mais-valia relativa. À medida que a acumulação se desenvolve, e o capital efetiva a tendência ao aumento da sua composição orgânica (revolucionando os meios de produção), essa negação evidentemente se acirra. A questão de saber se houve uma *desmedida*, uma ruptura qualitativa, como a identificada por Trenkle, não é assim estritamente lógica, mas passa por uma complexa avaliação empírica (cf. PRADO, 2014 e 2014A)¹. Nesse sentido, antes de se prenciar ou decretar o colapso definitivo do capitalismo - o que já foi feito repetidas vezes por autores marxistas, desde o final do século XIX - é preciso investigar rigorosamente o processo global de produção e de distribuição de mais-valia. De fato, como era de se supor, com os desenvolvimentos científicos nas áreas da informática, telemática, nanotecnologia, biotecnologia etc., a força viva de trabalho se tornou grandemente redundante em diversos setores produtivos. Porém, foi fortemente demandada em outros; pode-se afirmar com tranquilidade que em escala mundial o número de trabalhadoras e trabalhadores produtivos cresceu enormemente nas últimas décadas. Por outro lado, também é incontestável que, tomado globalmente, o capitalismo tem claudicado nas últimas décadas, e que a centralidade adquirida pela dimensão financeira da acumulação está associada às dificuldades de investimento do capital sobreacumulado. Em todo caso, à medida que não se explicita criteriosamente esse fundamento empírico da análise, corre-se o risco de converter o "império" do capital fictício e a "antecipação do valor futuro" em uma fórmula mistificadora, que tudo explica ou que pressupõe aquilo que deveria explicar.

No mesmo sentido, é problemático tomar simplesmente como indícios do "colapso" um conjunto de elementos que são inerentes à contraditória forma capital,

¹ A despeito de seus limites, que não cabe discutir aqui, foram feitos importantes avanços estatísticos nos últimos anos no sentido de perscrutar as chamadas "cadeias globais de valor", que se materializam em estudos como a série *Science, Technology and Industry Scoreboard*, da OCDE. Ocorre que tais estudos são feitos com base na teoria econômica convencional, e mobilizam categorias vulgares - com destaque para a indistinção entre atividades produtivas e improdutivas. À falta de condições para uma produção autônoma de estatísticas em escala mundial, por parte dos pesquisadores marxistas, haveria de se encarar a tarefa de analisar os dados hoje disponíveis, desagregá-los e a partir daí construir estatísticas consistentes com a crítica da economia política. Diversos esforços nesse sentido foram feitos sobretudo em relação à economia norte-americana, sobre a qual se dispõem de informações de melhor qualidade; porém estamos longe de dispor de suficientes análises estatísticas críticas sobre a economia global.



ao mesmo tempo alimento e limite da acumulação. Pode-se facilmente arrolar inúmero momentos, tanto em escala regional quanto em escala global, em que o aumento da concentração de riqueza, da predação de recursos naturais, da deflagração de guerras, do fanatismo político e religioso, da precarização do trabalho - da barbárie, em suma - acirraram-se *pari passu* a uma acelerada produção de riqueza abstrata em escala global, e outros nos quais, ao contrário, essa intensificação ocorreu em resposta a uma queda das taxas de lucro e de acumulação.

Nesse sentido, e para fornecermos apenas um exemplo, viu-se que, de modo a enfatizar a ruptura entre a atual fase da acumulação de capital e o período "fordista", Trenkle afirma que se passa de uma etapa em que há uma "simbiose" entre o interesse do capital e dos trabalhadores a uma situação em que a extração de mais-valia seria secundarizada, e o destino dos trabalhadores se tornaria em grande medida desimportante, o que se exprimiria na "precarização" do trabalho. Ora, em meio à revolução industrial inglesa, no alvorecer da grande indústria, o capital igualmente dependia do trabalho para se valorizar, e os trabalhadores necessitavam vender sua força de trabalho para sobreviver. Ainda assim, a voracidade do capital atingia níveis genocidas, como relatado por Marx no capítulo VIII do primeiro volume de *O Capital*. Deve-se insistir que a exploração desmedida da força de trabalho faz parte da essência do capital, e os freios que lhe foram impostos nalguns países capitalistas centrais, e sobretudo nalguns setores da produção, tiveram natureza estritamente política, na esteira da Grande Depressão de 1929 e das Guerras Mundiais, e diante da consolidação do "bloco soviético" e da eclosão de inúmeros conflitos sociais pelo mundo. Logo, pode-se argumentar que a atual tendência à precarização do trabalho não atesta a crescente irrelevância da esfera produtiva, como quer Trenkle, mas antes consiste na atualização de mecanismos de extração de mais-valia absoluta e relativa, reforçando a importância dos processos de valorização do valor.

Em suma, apesar de fornecer uma análise penetrante e instigante da contemporaneidade, por meio da atualização da crítica marxiana à economia política, a fundamentação empírica das principais teses de Trenkle - sobre a supremacia da acumulação fictícia e a iminência do colapso do capitalismo - se verifica problemática. Antes de interditar uma avaliação conceitual sobre a obra desse e de outros teóricos da "crítica do valor", e de comprometer sua relevância, encontramos aí uma motivação a mais para a investigação sobre as atuais tendências e perspectivas do capitalismo.



Referências

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Victor Civita, 1986. I. III, t. V.

_____. *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (borrador)*. Argentina: Siglo Veintiuno, 1973, I. II.

PRADO, E.F.S. "Queda da massa de valor I", 2014. Disponível em:

<https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2014/12/queda-da-massa-de-mais-valor-i.pdf>.

_____. "Queda da massa de valor II", 2014A. Disponível em:

<https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2014/12/queda-da-massa-de-mais-valor-ii1.pdf>.